



A extrema-direita do Brasil e a IA Generativa: práticas de desinformação no Telegram¹

Brazil's far-right and Generative AI: disinformation practices on Telegram

Angelo Francisco Fruet

Palavras-chave: Extrema-direita; IA Generativa; Desinformação.

O objetivo deste trabalho é analisar como a extrema-direita do Brasil usa inteligência artificial generativa em suas práticas de desinformação no Telegram. Delimita-se como empírico materiais que circulam na mídiassfera da extrema-direita no já citado Telegram, em 2025, ano pré-eleitoral brasileiro.

Esclarece-se que a mídiassfera da extrema-direita, também chamada de mídiassfera disruptiva (Silveira, 2024), abarca as plataformas midiáticas que a extrema-direita brasileira utiliza para disseminar informações. As pessoas que transitam nessa ambiência se recusam a consumir conteúdo da chamada mídia tradicional. É verificável que nessa mídiassfera circula muita desinformação, isto é, conteúdo fabricado (Dalmolin, 2025).

A metodologia mobilizada será a netnografia. A netnografia diz respeito a pesquisa observacional participante baseada em trabalho de campo adaptada aos grupos e comunidades online. É um método que leva para a internet aspectos da etnografia,

¹ Trabalho apresentado ao VII Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais. POSCOM-UFSM. Santa Maria, RS. ECA-USP. São Paulo/SP.



abordagem antropológica que supõe um engajamento pessoal com o sujeito pesquisado, com uma descrição densa, fundamental para compreender culturas ou ambientes sociais (Kozinets, 2014).

Para detectar se uma imagem ou conteúdo é de IA generativa, inicialmente será considerado o olhar do pesquisador, que vai adentrar-se nos grupos no Telegram da extrema-direita e estudar os materiais. Constatado que um determinado conteúdo tem probabilidade de ser de IA, serão usados softwares, para vídeos o DeepWare, no qual é inserido o link do vídeo para scanner, e para imagens o FotoForensics, que escaneia a imagem para detectar inconsistências.

Explica-se que o que hoje se chama inteligência artificial teve origem em 1950, quando Allan Turing criou uma máquina com o objetivo de imitar a inteligência humana, melhor dizendo, a forma de pensar humana. Essa “máquina pensante” era capaz de fazer diversos cálculos, desde que fossem inseridas informações para que ela pudesse processar, além de contar com um processo de aprendizagem (Turing, 1950). Tais concepções são centrais nas inteligências artificiais atuais, movidas com os dados que os usuários deixam nos sites da internet e programadas para aprender rapidamente a partir das próprias buscas feitas nelas.

Pode-se dizer que “a inteligência artificial é a capacidade das máquinas de usar algoritmos, aprender com os dados e usar o que aprendem para tomar decisões tal como um ser humano faria” (Rouhiainen, 2018, p.17, tradução nossa). Em síntese, a “IA se refere a tecnologias e metodologias que automatizam as habilidades cognitivas humanas” (Manovich; Arielli, 2023, p.20-21).

Já a inteligência artificial generativa diz respeito à algoritmos capazes de gerar conteúdos originais e coerentes, novos, pode-se dizer, como áudios, imagens, textos e vídeos a partir de dados de treinamento (Goodfellow et al., 2014). É um processo que busca objetos de mídia com redes neurais profundas, como imagem, vídeo, texto e cenas 3D. Essas redes neurais também são utilizadas para gerar conteúdos específicos, como rostos fotorrealistas de pessoas e movimentos humanos. Ainda, elas “podem ser usadas



na edição de mídias, como para substituir uma parte de uma imagem ou vídeo por outro conteúdo que se ajuste espacialmente (Manovich; Arielli, 2023, p.19-20).

São exemplos de IA generativa o Midjourney, que oferece um gerador de texto para imagem por meio do serviço de mensagens Discord e um aplicativo da web, o onipresente ChatGPT da OpenAI e o Bard (atual Gemini) da Google, que foi treinado em um conjunto de dados massivos e pode ser acionado para gerar textos, traduzir idiomas, elaborar vários tipos de conteúdo e responder perguntas de forma informativa (Kanbach et al., 2024).

As IAs são movidas pelos algoritmos, modelos matemáticos e estatísticos programados por humanos (como redes neurais, árvores de decisão, algoritmos de aprendizado profundo etc.), que servem como instruções para se executar uma tarefa ou resolver um determinado problema. Instruções que são feitas com base em dados, com os quais os algoritmos aprendem e ajustam seus parâmetros para tomar decisões. Na internet, este processo é bem-sucedido porque existem muitos dados com os quais os algoritmos podem trabalhar, como consequência da democratização do acesso à internet e da datificação, que dá sentido aos dados brutos, analisando as informações e convertendo processos vitais em fluxos de entrada para processamento em computadores (Couldry; Yu, 2018).

Na datificação, a agência humana, o que uma pessoa é e demonstra ao navegar na internet, é a matéria-prima, computada e relacionada com outros dados para gerar mercadoria digital (Bolin, 2023). De forma que, mina-se a vida buscando “extrair conhecimentos úteis da combinação de trilhas digitais feitas pelos indivíduos que vivem uma parte considerável de suas vidas on-line” (Van Dijck, 2017, p.44).

Acredita-se que uso de inteligência artificial generativa nas narrativas falsas que intencionam desinformar se dá desde a criação de conteúdos até o controle da reação do receptor. Argumenta-se, a título de exemplo, que com a IA generativa é possível inventar e ilustrar um boato político, com falas fabricadas sincronizadas com imagens reais, e levar a cabo discussões totalmente mentirosas acerca no X ou no Telegram com



argumentos convincentes gerados pelo ChatGPT, além de criar polêmica com diversas contas falsas que podem polarizar entre elas mesmas e com pessoas.

Em tais narrativas disruptivas a interpretação do que é a verdade fica totalmente comprometida, as estruturas mentais (Bordieu,1996) mobilizadas para dar sentido ao mundo são afetadas e os limites entre a verdade e mentira se fundem, com toda interpretação ficando a cargo das crenças. Informa-se que a concepção de verdade parte de eventos e acontecimentos verificados por pessoas ou fontes com credibilidade aceita por seus pares, e que podem ser confirmados com base na ciência (ex: chips em vacinas, aceita-se que é uma mentira porque cientistas com comprovada credibilidade comprovaram em estudos que é mentira).

Quem explora a IA nas práticas de desinformação é a extrema-direita. No Brasil, a extrema-direita se caracteriza pela devoção à violência repressiva da polícia, à intolerância às minorias sexuais, o apelo aos militares e a demagógica manipulação da agenda anticorrupção (Löwy, 2015).Entrelaça-se ao neofascismo, visto que apela ao irracionalismo (terra é plana, aquecimento global é uma invenção) e ao nacionalismo autoritário e conservador com o culto da homogeneidade da sociedade nacional e rejeição dos “desviantes”, com a politização do racismo e do machismo (Löwy,2019).

Outra característica na extrema-direita brasileira, segundo Cepêda (2018), que ela chama de nova direita, é o falseamento da realidade com associações entre fatos e eventos que nunca ocorreram, incluindo, versões paralelas do passado. Tais discursos são coibidos pelo sistema legal do Brasil e costumam causar impacto se ditos sem reservas (ou costumavam), o que obriga os extremistas a se juntarem em grupos nas mídias sociais, para falar sem restrições e controlar discursos destoantes.

Esses grupos, como os do Telegram, funcionam como uma câmara de eco, validando e amplificando crenças e interesses de quem está dentro e bloqueando a entrada de opiniões divergentes de quem está fora (Pariser, 2012). Segundo o mesmo Pariser (2012), a situação anterior acontece pela personalização que os algoritmos das plataformas fazem, a partir dos dados coletados sobre o usuário, que só é exposto a



informações que convergem com suas visões, forjando, pelo efeito da repetição e reforço, a noção de que todos pensam como ele.

As câmaras de eco podem se expandir por diversas plataformas e formar mídiasferas ou ecossistemas inteiros de informações falsas. Um exemplo é já citada mídiassfera da extrema-direita do Brasil, que se alastrou desde mídias tradicionais de rádio (Jovem Pan é o caso mais proeminente) até canais ou grupos nativos das mídias sociais Tik Tok, WhatsApp, Rumble, X, Bluesky e, certamente, o Telegram, aplicativo muito usado pelos extremistas, no qual serão coletados os materiais deste estudo.

Justifica-se pelo fato de o Telegram resistir em obedecer a ordens do Supremo Tribunal Federal (STF) e ter chats secretos com troca de mensagens temporárias na qual os usuários podem compartilhar mensagens de texto, imagens, vídeos, áudio, arquivos e pela possibilidade de se fazer chamadas de áudio e vídeo sem compartilhar o número de telefone ou outras informações privadas. Além disso, o Telegram possibilita grupos com até 200.000 membros com bots, contas automatizadas projetadas para interagir com usuários e grupos, aptos até para gerenciar atividades por meio de comandos e respostas programadas (Franco; Gaggi; Palazzi, 2024). Por fim, pelo uso de IA no Telegram, que já está generalizado, tanto nos bots quanto na criação de conteúdo.

Referências

BOLIN, Göran. Mediatisation, Digitisation and Datafication. *Central European Journal of Communication*, v. 16, n. 33, p. 7-18, 2023.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas:** sobre a teoria da ação. Papirus editora, 1996.

CEPÊDA, Vera Alves. A Nova Direita no Brasil: contexto e matrizes conceituais. **Mediações-Revista de Ciências Sociais**, p. 40-74, 2018.

COULDRY, Nick; YU Jun. Deconstructing datafication's brave new world. **New Media & Society** 20. 2018.



DALMOLIN, Aline Roes. Anatomia da polarização e barbárie comunicacional. **Plataformas, Algoritmos e IA: Questões e hipóteses na perspectiva da mediação**, p. 77, 2025.

FRANCO, Mirko; GAGGI, Ombretta; PALAZZI, Claudio E. Characterizing Non-Consensual Intimate Image Abuse on Telegram Groups and Channels. In: **Proceedings of the 4th International Workshop on Open Challenges in Online Social Networks**. 2024. p. 26-32.

GOODFELLOW, Ian et al. Generative adversarial nets. **Advances in neural information processing systems**, v. 27, 2014.

KANBACH, Dominik K. et al. The GenAI is out of the bottle: generative artificial intelligence from a business model innovation perspective. **Review of Managerial Science**, v. 18, n. 4, p. 1189-1220, 2024.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online. Penso Editora, 2014.

LÖWY, Michael. Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. **Serviço Social & Sociedade**, p. 652-664, 2015.

LÖWY, Michael. Neofascismo: um fenômeno planetário - o caso Bolsonaro. **A terra é redonda**, v. 24, 2019.

MANOVICH, Lev; ARIELLI, Emanuele. Imagens IA e mídias generativas: notas sobre a revolução em curso. **Revista Eco-Pós**, v. 26, n. 2, p. 16-39, 2023.

PARISER, Eli. **O filtro invisível**: o que a internet está escondendo de você. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

ROUHIAINEN, Lasse. **Inteligência artificial**. Madrid: Alienta Editorial, p. 20-21, 2018.

SILVEIRA, Ada Cristina Machado da. MIDIOSFERA DISRUPTIVA: desafios epistêmicos comunicacionais da noticiabilidade mediada. In: **ANAIS DO 33º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS**, 2024, Niterói. Anais eletrônicos..., Galoá, 2024. Disponível em: . Acesso em: 27 Jan. de 2025.

TURING, Allan M. Computing Machinery and intelligence. **Mind**, Volume LIX, p.433-460, 1950.



**Anais de Resumos Expandidos
VII Seminário Internacional de Pesquisas
em Mídia e Processos Sociais**

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 7 (2025)

VAN DIJCK, Jose. Confiamos nos dados? As implicações da datificação para o monitoramento social. **Matrizes**, v. 11, n. 1, p. 39-59, 2017.